

A MUSEOGRAFIA CONTEMPORÂNEA E A EXIBIÇÃO DE INSTALAÇÕES

Área: História da Arte

Luciana Bosco e Silva

ABSTRACT

The spectacularity of museography appears in the contemporary as an antagonism of the white cube of modern age, creating special/space worlds for the exhibition of art. From that point, the curator puts himself, in a way, as co-author of the piece of art, regarding the presentation of the work of art, specially on contemporary art, being on many cases the essence of the work itself.

The exhibition put itself on the category of an event, as the International Expos on 20th century. The exhibition as event/show appears on the end of 20th century, in special in the 90, bringing with it a several numbers of adepts and critics.

"It's born a new esthetics of exhibition, in witch assemble the curator take over the roll that is beyond the assemble of canvas, sculptures, objects or installation art. The curator conceives the exhibition as a critical project that is shared with the artist himself (if he is still alive)". (GONÇALVES, L., 2004, p. 41).

The curator puts himself on a very important roll in the way of how the visitor will interact with the art piece, he becomes responsible for this relationship, creating with this a new reality in witch the work of art will be, in a way, rediscover allowing news forms of reading of the same work of art, depending on the look or the intention of the curator.

Besides the manner of the theatricality and the others effects proponent by the curator, in the specific case of Installation Art, there is still the question of how the piece is assemble, in witch case it could actually change its expression, its own essence depending on how it is exhibit.

Espetacularidade da Museografia

A espetacularidade da museografia surge na contemporaneidade em contraponto ao cubo branco da era moderna, criando mundos especiais / espaciais para a exibição da arte. Com isso, o curador se coloca, de certa forma, como co-autor da obra, já que a apresentação de obras de arte, principalmente de arte contemporânea, em muitos casos é a própria essência da obra.

A exposição, passa então à categoria de evento, como foram as Exposições Internacionais do século XIX. A exposição evento / espetáculo aparece no fim do século XX, em especial nos anos 90, trazendo consigo um sem número de adeptos e de críticos. As exposições com cenografias dramatizadas¹, trazem à tona o papel do curador e do museógrafo, e ainda do cenógrafo, na exposição de arte. "Nasce uma nova estética da exposição, em cuja construção o curador assume um papel

¹ Definição feita por Lisbeth Rebollo Gonçalves em seu livro: Entre Cenografias – O Museu e a Exposição de Arte no século XX.

que vai muito além da reunião de um conjunto de telas, esculturas, objetos ou instalações. O curador concebe a exposição como um projeto crítico que é compartilhado com o artista (obviamente, se ele estiver vivo). Esse projeto pode tomar forma, mediante uma "cenografia" pensada por um especialista em montagem de mostras, que pode ser tanto um técnico de museu, um arquiteto ou um cenógrafo da área teatral quanto o próprio curador." (GONÇALVES, L., 2004, p. 41).

O curador assume portanto um papel importantíssimo na forma como o espectador fará sua interação com a obra, ele se torna responsável por esta relação, criando assim uma nova realidade na qual a obra será, de certa forma, redescoberta, permitindo novas leituras da mesma obra, dependendo do olhar, da intenção da curadoria.

Além da questão da teatralidade, da cenografia dramatizada e de outros efeitos propostos por um curador, no caso específico da Instalação, há ainda a questão de como a obra é montada, a qual pode modificar efetivamente sua expressividade, sua própria essência dependendo de como é exposta.

Por outro lado, a cenografia dramatizada, de certa forma se baseia na experimentação da Instalação para expor a arte e criar uma relação com o outro. "O artista, na instalação, e o curador, na cenografia dramatizada, estabelecem um espaço transitório para o discurso artístico. Constroem ambientes para comunicar uma idéia estética, marcando fortemente a recepção do público que entra em contato com seu trabalho. (...) Na instalação, como na exposição de cenografia dramatizada, o receptor é envolvido em vivências e interpretações como num grande teatro. Ingressa num universo ficcional, pode divertir-se prazerosamente e ludicamente, pode ironizar, questionar, surpreender-se, sentir repulsa; enfim, é-lhe facultado experimentar outro tipo de recepção estética." (GONÇALVES, L., 2004, p. 45).

Ao criar mundos novos para expor a arte, o curador está, de certa maneira, criando arte segundo os preceitos de arte contemporânea, onde a exploração do espaço, do tempo e da relação da arte com o outro se faz de forma sensorial.

A questão mais problemática não está nas duas correntes, paredes brancas / o cubo branco modernista x cenografia dramatizada / exposição-espetáculo, e sim, na responsabilidade, que independe da corrente escolhida para expor a obra, em não modificar efetivamente a intenção, o propósito da obra. "Os curadores que produzem exposições para um museu precisam assumir a preocupação ética de apresentá-las como um campo de informação crítica, colocando-se como um mero articulador de conhecimento". (GONÇALVES, L., 2004, p. 4107).

Tanto a exposição de paredes brancas, dita neutra, fria, quanto a que cria um ambiente específico para passar sua mensagem, advém de uma escolha e desta escolha vem a maneira como o curador quer mostrar as obras que escolheu para determinada exposição; sempre há, portanto, uma posição tomada. A neutralidade não existe na concepção de uma exposição, e sim, a escolha de que forma o curador quer apresentar, ou que mensagem quer passar em sua exposição.

Algumas obras, como é o caso da Instalação podem sofrer mais com determinadas escolhas, como é o caso de Chuva, de Peláez, obra do MAC-USP, aqui analisada. A questão museográfica na apresentação desta obra é determinante quanto à sua fruição plena. Ela foi exibida na XXV Bienal de São Paulo, em 2002, onde a iluminação e a forma de apresentação, deixavam clara sua natureza de Instalação.

Sua fragilidade se apresentava de forma plena e um silêncio emanava da obra de forma quase respeitosa. Posteriormente, no entanto, na exposição *Metáforas da Metrópole: Obras da Coleção*, em 2003, já como obra do acervo do MAC-USP, ao ser re-apresentada entre outros objetos, sem um espaço reservado exclusivamente para ela, a obra perdeu sua força. Não cabe aqui a crítica à forma como a obra foi mostrada ou mesmo questionar se é válido ou não mostrá-la de diferentes formas, já que por sua própria natureza a Instalação permite essa liberdade por parte do curador e do museógrafo. No entanto, a mudança na forma de expor a obra neste caso, não estava na diferença entre paredes brancas e espetacularidade, e sim na maneira efetiva de como a obra ocupou o espaço.

A característica primeira de uma Instalação é sua natureza efêmera, sua mutação constante, no entanto o que se coloca, não é uma crítica e sim uma constatação que a forma de apresentar a Instalação modifica totalmente sua relação com o outro e ainda, em alguns casos a própria essência da obra. Isso também ocorre com *O Paradoxo do Santo*, de Regina Silveira, a maneira como este trabalho é apresentado / montado, já que ele permite certa liberdade em sua montagem, faz com que o impacto do mesmo e sua dualidade, bem x mal, sacro x profano, real x imaginário, fique reduzido quanto à fruição da própria obra.

A responsabilidade na montagem de uma exposição é imensa, sendo ela de arte pré-histórica ou moderna, mas, em arte contemporânea pode-se efetivamente mudar a obra dependendo da forma como a mesma é exposta. Isso faz parte da vivência da própria arte contemporânea, e os mundos vários que ela nos abre.

A Instalação inaugura mundos novos a cada nova recriação, sim, porque ela é, de fato, recriada em cada nova montagem, em cada novo local, em um novo tempo.

O espaço, o tempo e a relação com o outro, se colocam definitivamente como atores complementares da Instalação em uma relação eterna. Mutável, porém eterna...

A Instalação, assim como sua própria natureza se transforma, e essa transmutação de objeto-espacial à ocupação espacial, faz dela uma poética muito condizente com o novo século.

Dentre os vários suportes da arte, inclusive, aqueles ligados à arte-tecnologia, e que constituem a arte contemporânea, a Instalação, permite a maior liberdade de expressão. Além da Instalação como obra de galeria, de museu, de ambiente fechado, coloca-se aqui, a possibilidade da Instalação no espaço público, a Instalação dentro de preceitos virtuais, a própria experimentação da Instalação como interferência em ambientes, seja ele fechado, natural, artificial e mesmo virtual.

A Instalação segundo seus princípios básicos é uma obra sem limites, ela permite qualquer tipo de suporte em sua produção, já que mais que um suporte, ela é uma poética, uma verdade em si, que permite a criação plena de mundos múltiplos, verdadeiros em sua própria essência, mesmo que imaginários e/ou virtuais em sua concepção.

Por sua natureza versátil, a Instalação, se coloca como um fazer artístico condizente com os novos meios e mesmo com os multi-meios da arte, trazendo possibilidades infinitas de criação e de recriação dependendo de onde e como é apresentada, desenvolvendo um novo diálogo a cada nova montagem.

A Instalação se coloca como mais que um suporte, uma poética, que pode ser reescrita indefinidamente e infinitamente, sendo passageira e ao mesmo tempo

sendo sempre re-criável, seja pelo artista, pelo curador, ou pela própria interação com o espectador.

A Instalação, como poética, nos permite sempre nova experimentação sensorial, nos conecta com nossa memória afetiva, e nos faz vivenciar a obra de forma plena. A Instalação inaugura assim, novos mundos, os quais são vivenciados em tempo e espaço específicos, de forma efêmera, passageira. Permanecendo sempre de forma perene apenas na memória. ,

BIBLIOGRAFIA

- ARCHER, Michel. **Arte Contemporânea**. São Paulo, Edit. Martins Fontes, 2001
- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte e crítica de arte** (trad. Helena Gubernatis). Lisboa, Editorial Estampa, 1988
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Coleção Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1968
- BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo** (trad. Artur Mourão). Lisboa, Planète, 1975
- CALABRESE, Omar. **A Linguagem da Arte** (trad. Tânia Pellegrini). Rio de Janeiro, Editora Globo, 1987
- DORFLES, Gillo. **O Devir das Artes**. São Paulo, Martins Fontes, 1992
- FISCHER, Ernst. **"A Necessidade da Arte"**. São Paulo, Círculo do Livro, 1959
- FOSTER, Hal. **The Anti-Aesthetic: Essays on Post-Modern Culture**. Seattle, Bay Press, 1983
- FREIRE, Cristina. **Poéticas do Processo: Arte conceitual no Museu**. São Paulo, Iluminuras, 1999
- GADAMER, Hans-Georg. **Estética y Hermenéutica**. Madrid, Tecnos Editora, 1998
- GOLDBERG, RoseLee. Space as Praxis. In:HERTZ, Richard (org). **Theories of Contemporary Art**. Englewood Cliffs, Prentice Hall.
- GOLDBERG, RoseLee. **A Arte da Performance**. São Paulo, Martins Fontes, 2006
- GONÇALVES, Lisbeth R. **Entre Cenografias – o museu e a exposição de arte no século XX**. São Paulo, EDUSP, 2004
- GREENBERG, Clement. "A Nova Escultura". In: FERREIRA, Glória & COTRIM, Cecília. **Clement Greenberg e o debate Crítico**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor / FUNARTE, 1997
- GULLAR, Ferreira. **Etapas da Arte Contemporânea: Do Cubismo à Arte Neoconcreta**. Rio de Janeiro, Editora Revan, 1998
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2002
- HARVEY, David. **A Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo, Loyola, 1989

JUNQUEIRA, Fernanda. "Sobre o Conceito da Instalação". In: Revista Gávea v. 14: 551-569, Rio de Janeiro, setembro 1996

LUCIE-SMITH, Edward. **Os Movimentos Artísticos a partir de 1945**. São Paulo, Martins Fontes, 2006

MARCONDES, Neide. **(Des) Velar a Arte**. São Paulo, Arte & Ciência Editora, 2002

NUNES, Benedito. **Introdução à Filosofia da Arte**. São Paulo, Editora Ática, 2005

O'DOHERTY, Brian. **No Interior do Cubo Branco: A ideologia do Espaço da Arte** (trad. Carlos S. M. Rosa), São Paulo, Martins Fontes, 2002

PAZ, Octavio. **Marcel Duchamp – ou o castelo da pureza**. São Paulo, Perspectiva, 2002